

VLADIMIR ILITCH

LENINE



**Para o Décimo Aniversário
do Pravda
(1922)**

ORGANIZAÇÃO REGIONAL DE LISBOA DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS 

Para o Décimo Aniversário do «PRAVDA»

**Vladimir Ilitch Lénine
1922**

Publicado em 5 de Maio de 1922 no nº 98 do *Pravda*

Presente tradução na versão das Obras Escolhidas de V.I.Lénine
Edição em Português da Editorial Avante, 1977, t3, pp 606-608
Traduzido das O. Completas de VI Lénine 5ªEd. russo t.45 pp 173-177

Completaram-se dez anos desde a fundação do *Pravda* legal, do jornal diário legal - segundo as leis tsaristas - bolchevique¹. Mas este decénio é precedido por aproximadamente outro decénio: nove anos (1903-1912), contando a partir do aparecimento do bolchevismo, e se se contar a partir da fundação do velho *Iskra* (1900), plenamente «bolchevique» quanto à sua orientação, então treze anos (1900-1912).

O décimo aniversário de um jornal diário bolchevique editado na Rússia... Apenas dez anos decorreram desde então! Mas foram vividos, no que diz respeito ao conteúdo da luta e do movimento neste período, uns cem anos. A rapidez do desenvolvimento social nos últimos cinco anos foi realmente sobrenatural se se empregar as velhas medidas, as medidas dos filisteus europeus, como os heróis das Internacionais II e II 1/2, esses filisteus civilizados que se habituaram a considerar «natural» que centenas de milhões de pessoas (mais de mil milhões, para ser exacto) nas colónias, nos países semidependentes e muito pobres, aceitem suportar um tratamento como com os hindus ou chineses, suportar uma exploração inaudita, uma pilhagem directa, a fome, as violências, os escárnios - tudo isso para que as pessoas «civilizadas» possam resolver «livre», «democrática» e «parlamentarmente» a questão de saber se é pacificamente que se deve dividir a presa ou se se deve exterminar uma dezena ou mais de milhões de pessoas para dividir a presa imperialista - ontem entre a Alemanha e a Inglaterra, amanhã entre o Japão e a América (com uma ou outra participação da França e da Inglaterra).

A razão principal dessa enorme aceleração do desenvolvimento mundial reside na incorporação nele de novas centenas e centenas de milhões de pessoas. A velha Europa burguesa e imperialista, que se tinha habituado a considerar-se o umbigo do mundo, apodreceu e rebentou na primeira carnificina imperialista como um abcesso fétido. Por mais que choraminguem a este propósito os Spengler e todos os filisteus instruídos que são capazes de se entusiasmar com ele (ou mesmo de o estudar), essa decadência da velha Europa significa apenas um dos episódios na história da queda da burguesia mundial, que se empanturrou com a pilhagem imperialista e com a opressão da maioria da população da Terra.

Essa maioria hoje acordou e começou um movimento que as potências mais fortes e «poderosas» não têm força para deter. Nada disso! Os actuais «vencedores» da primeira carnificina mundial não têm força para vencer nem a pequena, infimamente pequena Irlanda, não têm força para vencer nem mesmo a confusão criada entre eles próprios nas questões financeiras e monetárias. E a Índia e a China fervem. São mais de 700 milhões de pessoas. São, acrescentando os países asiáticos vizinhos e perfeitamente semelhantes a elas, mais de metade da população da Terra. Ali aproxima-se, e aproxima-se de modo irresistível e cada vez mais rapidamente, o ano de 1905, com a diferença essencial e enorme de que em 1905 a revolução na Rússia podia realizar-se ainda (pelo menos no início) de forma isolada, isto é, sem envolver logo na revolução outros países. Mas as revoluções que crescem na Índia e na China já hoje se integram e se integraram na luta revolucionária, no movimento revolucionário, na revolução internacional.

1 **Pravda (A Verdade):** diário bolchevique legal; o primeiro número do jornal foi publicado em Petersburgo em 22 de Abril (5 de Maio) de 1912. O *Pravda* surgiu nas condições de um novo ascenso revolucionário, quando percorria todo o país uma vaga de greves políticas de massas a propósito do massacre do Lena. O jornal era editado com fundos recolhidos pelos próprios operários; a sua difusão atingia os 40 000 exemplares, e a tiragem de certos números chegou aos 60 000 exemplares. Lénine caracterizava a criação de um diário operário como uma grande obra histórica realizada pelos operários de Petersburgo. O *Pravda* ligava diariamente o Partido às amplas massas populares. Em torno do jornal formou-se um numeroso exército de correspondentes operários. O *Pravda* era dirigido por Lénine, que escrevia quase diariamente para o jornal, dava indicações à sua redacção, conseguindo que o jornal fosse dirigido com espírito combativo, revolucionário. Na redacção do *Pravda* estava concentrada uma parte considerável do trabalho organizativo do Partido. Aí se realizavam encontros com representantes das células locais do Partido, aí chegavam informações sobre o trabalho do Partido nas fábricas, daí eram dadas directivas dos comités Central e de Petersburgo do Partido.

O *Pravda* foi submetido a constantes perseguições policiais. Em 8 (21) de Julho de 1914 o jornal foi fechado.

O décimo aniversário do *Pravda* bolchevique, diário legal, mostra-nos com evidência um dos marcos da grande aceleração da maior revolução mundial. Em 1906-1907 o tsarismo parecia ter derrotado a revolução por completo. O partido bolchevique soube, ao cabo de poucos anos, penetrar - **sob outra forma, de maneira diferente** - na cidadela do inimigo e iniciar o trabalho diário e «legal» para minar por dentro a maldita autocracia tsarista e latifundiária. Passaram-se ainda alguns anos, e a revolução proletária, organizada pelo bolchevismo, venceu.

Quando se fundou o velho *Iskra*, em 1900, participaram nisso cerca de uma dezena de revolucionários. Quando surgiu o bolchevismo, nisso participaram, nos congressos ilegais em Bruxelas e em Londres, em 1903, cerca de quatro dezenas de revolucionários².

Em 1912-1913, quando surgiu o *Pravda* bolchevique legal, estavam por trás dele dezenas e centenas de milhares de operários, os quais, com as suas colectas copeque a copeque, venceram tanto a opressão do tsarismo como a concorrência dos traidores pequeno-burgueses ao socialismo, os mencheviques.

Em Novembro de 1917, nas eleições para a Assembleia Constituinte, votaram pelos bolcheviques 9 milhões dos 36 milhões de eleitores. Mas na realidade, não na votação mas na luta, com os bolcheviques estava, em fins de Outubro e em Novembro de 1917 a **maioria** do proletariado e do campesinato consciente, representada pela maioria dos delegados ao II Congresso dos Sovietes de Toda a Rússia, pela maioria da parte mais activa e consciente do povo trabalhador, isto é, do exército de então que contava com doze milhões de homens.

Tal é o pequeno quadro numérico da «aceleração» do movimento revolucionário mundial nos últimos vinte anos. É um quadro muito pequeno, muito incompleto, no qual está expressa de forma muito grosseira a história de um povo que tem no máximo 150 milhões de pessoas, enquanto nesses vinte anos a revolução se iniciou e se tornou uma força invencível em países com uma população de mil milhões e mais (toda a Ásia, sem esquecer, claro, a África Austral, que recordou há pouco a sua pretensão de serem **homens** e não escravos, e recordou-o de forma nada «parlamentar»).

E se alguns, peço desculpa por esta expressão, «spenglerzinhos» concluírem daí (pode-se esperar qualquer estupidez dos «inteligentes» chefes das Internacionais II e II 1/2) que com esse cálculo se exclui das forças revolucionárias o proletariado da Europa e da América, responder-lhes-emos: os «inteligentes» chefes acima citados raciocinam constantemente como se da circunstância de que nove meses depois da concepção se deve esperar o nascimento da criança, decorresse a possibilidade de determinar a hora e o minuto do parto, e a situação da criança durante o parto, e a situação da parturiente durante o parto, e o grau exacto de dores e perigos que terão de suportar a criança e a parturiente. Que homens tão «inteligentes»! Eles não podem, de modo algum, compreender que do ponto de vista do desenvolvimento da revolução internacional a transição do cartismo para os Henderson, que servem a burguesia, ou de Varlin para Renaudel, ou de Wilhelm Liebknecht e Bebel para Súdekum, Scheidemann e Noske é algo semelhante à «transição» de um automóvel **duma** estrada plana e lisa de centenas de verstas **para** um charco sujo e fétido nessa mesma estrada, para um charco de alguns **archines**.

São os próprios homens que criam a sua história. Mas os cartistas, os Varlin e os Liebknecht, criam-na com a sua cabeça e com o seu coração. E os chefes das Internacionais II e II 1/2 «criam-na» com partes do corpo bem diferentes: fertilizam o solo para os novos cartistas, para os novos Varlin, para os novos Liebknecht.

² Alusão ao II Congresso do POSDR, realizado entre 17 de Julho e 10 de Agosto (30 de julho e 23 de Agosto) de 1903. As 13 primeiras sessões do Congresso realizaram-se em Bruxelas. Mais tarde, devido às perseguições policiais, as sessões do Congresso foram transferidas para Londres. Participaram no congresso 43 delegações que representavam 26 organizações.

Enganarem-se a si próprios seria a coisa mais prejudicial para os revolucionários no difícil momento actual. Embora o bolchevismo **se tenha tornado** uma força internacional, embora em **todos** os países civilizados e avançados já tenham nascido novos cartistas, novos Varlin e novos Liebkecht que crescem sob a forma de partidos comunistas legais (como foi legal o nosso *Pravda* sob o tsarismo, há dez anos atrás), no entanto, a burguesia internacional continua a ser ainda incomparavelmente mais forte do que o seu adversário de classe. Essa burguesia, que fez tudo quanto dependia dela para dificultar o parto, para decuplicar os perigos e as dores do parto do poder proletário na Rússia, ainda está em condições de condenar a sofrimentos e à morte milhões e dezenas de milhões de pessoas por meio de guerras de guardas brancos, de guerras imperialistas, etc. Não devemos esquecer isto. Devemos fazer corresponder habilmente a nossa tática a esta particularidade da situação actual. Por enquanto, a burguesia pode livremente martirizar, atormentar e assassinar. Mas ela não pode deter a inevitável e - do ponto de vista histórico mundial - não muito longínqua vitória completa do proletariado revolucionário.

2/V/1922